

---

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.

---



Gilfrancisco dos Santos | Imagem: [Destaque Notícias](#)

## **Manto vermelho – Resenha de *Anísio Dário: a chacina da Rua João Pessoa*, de Gilfrancisco dos Santos**

### **Rafael de Gois Neto (UFS)**

**Resumo:** *Anísio Dário: a chacina da Rua João Pessoa*, de Gilfrancisco dos Santos, visa denunciar o assassinato do operário comunista Anísio Dário pela polícia em 1947. Falta análise crítica aprofundada. Destacam-se a ampla pesquisa documental, a reconstituição histórica e a valorização da memória apagada.

**Palavras-chave:** repressão estatal; Anísio Dário; imprensa sergipana; memória histórica; PCB.

*Anísio Dário*: a chacina da Rua João Pessoa, de Gilfrancisco dos Santos, publicada pelas Edições GFS, na cidade de Aracaju/SE em 2022, é uma coletânea de textos e notícias da imprensa sergipana que têm por objetivo revelar ao leitor o assassinato do operário/sindicalista da construção civil, negro e comunista Anísio Dário, perpetrado pela polícia sergipana em 1947. O episódio ocorreu durante manifestações pacíficas realizadas no Centro da Cidade de Aracaju/SE contra a cassação do registro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), determinada pelo Poder Judiciário, durante o mandato do presidente Dutra (1946-1951) e do governador José Rollemberg Leite (1947-1951). Os prefácios, escritos por Clóvis Barbosa de Melo, Afonso Nascimento e Inez Stampa, apresentam pequenas exposições sobre a atuação militante de Anísio Dário, o contexto da época e as percepções acerca do assassinato dessa figura histórica, bem como o significado dessa violência estatal. Na apresentação, Gilfrancisco contextualiza o acontecimento, destacando a censura à imprensa, o fatídico local onde ocorreu o assassinato, as circunstâncias da morte, o sepultamento, a romaria ocorrida duas semanas após o óbito de Anísio, organizada pelo Sindicato da Construção Civil, além de descrever as merecidas homenagens póstumas.

Gilfrancisco Santos é professor, jornalista, pesquisador, documentalista e escritor, nascido na Bahia em 1952 e radicado em Sergipe. É formado em Letras pela Universidade Católica de Salvador e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Sergipe. Redigiu livros e artigos em jornais, revistas e periódicos sobre outros militantes comunistas torturados ou assassinados neste Estado, como Alina Paim, Carlos Garcia e Nelson de Araújo, além de ter escrito sobre Gregório de Matos, Lampião (no *Diário Oficial*), a imprensa estudantil, o Modernismo entre a Bahia e Sergipe, as origens do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe, dentre outros temas. A obra em análise está dividida em oito partes, além de três apêndices e da iconografia.

Após os prefácios e a apresentação da obra, o autor apresenta uma entrevista com Eurídice Lima Bispo (filha de Anísio Dário), na qual ela conta detalhes sobre a família, a relação com o pai, a atuação profissional e política, detalhes sobre o assassinato, a suposta autoria, repercussões da morte, as perseguições praticadas contra os familiares e a posterior mudança para o Rio de Janeiro, como medida de segurança. Também narra o apoio recebido de militantes do Partido Comunista Brasileiro e o registro de que a irmã dela, devido às ameaças, passou dois anos na antiga União Soviética após o falecimento do pai.

No capítulo seguinte, dedicado ao Noticiário da Imprensa Sergipana e a depoimentos de personalidades, o autor afirma que o assassinato de Anísio Dário teve grande repercussão na imprensa. Ele também informa sobre a cobertura dos eventos posteriores ao óbito, como o velório, a romaria e os desdobramentos do episódio. O Jornal *O Nordeste* anunciou a covardia do assassinato de um cidadão pacato em via pública, descrevendo detalhes do ocorrido: antecedentes, o momento do crime e o socorro prestado à vítima. O Jornal *Diário de Sergipe* e o *Diário Oficial do Estado* atribuíram a responsabilidade da escalada de violência e da morte aos próprios manifestantes comunistas. Ressalte-se que o *Diário de Sergipe* pertencia a Severino Pessoa Uchoa, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em Sergipe. Segundo o autor, outros jornais (*Jornal do Povo* e *O Nordeste*) relataram o fato como ato de violência e repressão, incompatível com a legalidade demonstrando “à sociedade, a inércia e a incapacidade do governo atual de Sergipe e os seus intuítos totalitários e desumanos” (p. 76). Por sua vez, o *Sergipe-Jornal* publicou matéria na qual aponta a participação efetiva de ex-integralistas nos atos de repressão brutal que resultaram na morte de Anísio Dário gerando indignação e revolta em muitos populares – como foi possível observar durante o sepultamento da vítima, que contou com a presença vigilante e intimidatória das forças policiais. O *Jornal do Povo* noticiou também a romaria ao túmulo de

Anísio Dário como ato de solidariedade e homenagem à vítima, além de forma de protesto contra a perseguição e os atos antidemocráticos perpetrados pelo Estado, que, reiteradamente, reprimia e proibia qualquer manifestação em favor da memória de Anísio. Nessa disputa de narrativas, ficam evidentes o esforço e o intento do Estado em promover o apagamento da trajetória da vítima isentando-se da responsabilidade pelo ocorrido e ameaçando aqueles que insistiam na defesa da memória de Anísio, enquanto os defensores do “herói comunista” se desdobravam no auxílio aos familiares dele e na busca pela responsabilização e punição dos verdadeiros culpados. O caso teve repercussão nacional e contou com a solidariedade de veículos de imprensa e sindicatos de todo o Brasil.

O capítulo seguinte destaca a composição da Assembleia Constituinte de Sergipe em 1947, com o predomínio dos partidos conservadores – Partido Social Democrático (PSD) e União Democrática Nacional (UDN). O sétimo capítulo lista os deputados que votaram pela cassação dos mandatos dos parlamentares do PCB na Comissão de Constituição e Justiça e o oitavo elenca os principais jornais que noticiaram os fatos, expondo as tendências políticas de cada um deles. No geral, esses três capítulos também declaram que havia um alinhamento de muitos políticos e de parte dos veículos de imprensa no sentido de se oporem ao PCB e às pautas populares. Os capítulos ainda afirmam que, diante da colisão de interesses entre os grupos opostos, o posicionamento estatal era pela criminalização dos militantes comunistas.

O livro ainda conta com três apêndices que possuem um caráter narrativo e informativo acerca da crescente repressão do governo sergipano contra a imprensa e a sociedade incluindo a proibição do direito de reunião, a violação da liberdade de imprensa por meio de censura e do fechamento de jornais. Também apresenta uma seção iconográfica que registra o local do assassinato de Anísio Dário, seu sepultamento, fotos de familiares da vítima e a certidão de óbito de Anísio, lavrada apenas em 2014.

Apesar da riqueza de fontes e de tocar em questão sensível e relevante, é preciso registrar que o livro carece de uma análise mais fundamentada do contexto histórico, das relações sociais e das possíveis motivações do crime. O livro traz como tema principal a morte de Anísio Dário, porém parte significativa da obra é dedicada à história da imprensa da época, com ênfase nos jornais que noticiaram o fato, que sofreram censura e que foram fechados pelo DIP. Em alguns momentos, o tema da imprensa sobressai diante do assunto central: a morte do operário comunista. Faltam discussões acerca do silenciamento do passado, da disputa de memórias, da atuação repressora do Estado e do papel da sociedade nesse processo, ou seja, carece de um debate historiográfico mais amplo.

De maneira geral, o livro apresenta rica pesquisa sobre as fontes, remetendo o leitor ao contexto social e político da época, marcado pelo início da Guerra Fria e pela polarização entre os blocos capitalista e soviético, que, no Brasil, traduziu-se em um forte alinhamento aos Estados Unidos da América (EUA) e na perseguição aos militantes do PCB – que, em Sergipe, resultou na morte do operário Anísio Dário. Sobre o assassinato, o livro é bastante contributivo, uma vez que fornece elementos minuciosos para a compreensão dos fatos, com um posicionamento consciente acerca do caráter de crime político cometido pelas autoridades públicas, registrando também toda a repercussão decorrente desse assassinato brutal na imprensa e na sociedade sergipana do período. O autor presta uma relevante contribuição social, porque revela os fatos e os seus desdobramentos. O trabalho em questão é recomendado para todos os públicos, uma vez que se trata de uma temática atual, diante dos recentes e recorrentes ataques violentos à democracia, aos direitos fundamentais, à população negra e a militantes progressistas. É um estímulo à atenção permanente contra essas investidas do reacionarismo da extrema-direita e a violência estatal praticadas

reiteradamente no Brasil. Promove uma reflexão que atravessa variados campos do conhecimento e se comunica com questões sociais, políticas, jurídicas e de memória. Entretanto, sua leitura se torna mais indicada para pesquisadores do campo da História, da Sociologia, da Comunicação, do Direito e aos interessados em conhecer o episódio que ceifou a vida dessa importante personalidade sergipana, assassinado durante o exercício do direito fundamental de reunião pacífica.

---

## Referências

SANTOS, Gilfrancisco dos. *Anísio Dário: a chacina da Rua João Pessoa*. Aracaju: Edições GFS, 2022.

---

## Sumário de *Anísio Dário: a chacina da Rua João Pessoa*

Cântico ao poeta morto  
Prefácios  
Apresentação  
Entrevista  
Noticiário da imprensa sergipana  
Assembleia Constituinte de Sergipe, 1947  
Traidores do povo brasileiro  
Jornais que noticiaram os acontecimentos de 1947  
Apêndice 1  
Apêndice 2  
Apêndice 3  
Iconografia

---

## Resenhista



Rafael de Gois Neto é mestrando e graduado em História e Direito, ambos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5342915675052460> ; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4359-9252> ; E-mail: [rfdegois2013@yahoo.com.br](mailto:rfdegois2013@yahoo.com.br).

---

## Para citar esta resenha

SANTOS, Gilfrancisco dos. *Anísio Dário: a chacina da Rua João Pessoa*. Aracaju: Edições GFS, 2022, 242 p. Resenha de: GOIS NETO, Rafael. Manto vermelho. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 15-19, jul./ago., 2025.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).